

Valzeli Sampaio*

* Valzeli Figueira Sampaio tem mestrado e doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1997/2002) e pós-doutorado em Artes na ECA (USP-2012). Atualmente é professora associada da Universidade Federal do Pará, professora da Faculdade de Artes Visuais do Instituto de Ciências da Arte da UFPA e do Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Ciências da Arte da UFPA. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em arte contemporânea, arte e tecnologia, crítica de arte, teorias da arte, processo de criação, arte contemporânea e arte e vida. valsampaio@gmail.com
ORCID 0000-0002-3418-3437

Arte e Processos Derivantes

Resumo Este artigo é uma primeira aproximação sobre os trabalhos de Maja Smrekar, que evocam experiências onde o estar junto, o viver junto inter-espécie provoca multiplicidades, mudanças e problematizações. O mito da humanidade, baseado na sua singularidade é implodido, revelando nos trabalhos sob o título K-9:Topology a experiência da co-parentalidade e co-domesticação entre humanos e animais. Propondo repensar a instrumentalização social e ideológica do corpo da mulher. O corpo da mulher é influenciado por normas sociais e pela objetificação. Por trás das aparências espetaculares, das obras desenvolvidas e, para alguns, controversas, K-9_topology nos oferece a oportunidade de refletir sobre questões incômodas como a instrumentalização e coisificação dos corpos femininos, a posição problemática da espécie humana no topo e no centro do ecossistema, as ambiguidades de práticas e promessas biotecnológicas, as relações entre arte e vida multiespécies. Estes trabalhos de arte apontam para outros modos de vida, outros modos de parentesco, outras formas de produção de conhecimento sobre arte, realidade, natureza, e o lugar do humano entre as espécies terrestres.

Palavras-chave Processo de Criação, Performance, Arte e Natureza, Arte e Ciência.

Art and Derivatives Processes

Abstract *This article is a first approach to Maja Smrekar's works, which evoke experiences where being together, living together inter-species causes multiplicities, changes and problematizations. The myth of humanity, based on its uniqueness, is imploded, revealing in the works under the title K-9:Topology the experience of co-parenting and co-domestication between humans and animals. Proposing to rethink the social and ideological instrumentalization of the woman's body. A woman's body is influenced by social norms and objectification. Behind its spectacular and, for some, controversial appearances, K-9_topology offers us the opportunity to reflect on uncomfortable issues such as the instrumentalization and objectification of female bodies, the problematic position of the human species at the top and center of the ecosystem, the ambiguities of biotechnological practices and promises, the relationship between art and multispecies life. These works of art point to other ways of life, other ways of kinship, other ways of producing knowledge about art, reality, nature, and the place of the human among terrestrial species.*

Keywords *Creation Process, Performance, Art and Nature, Art and Science.*

Art y procesos derivados

Resumen *Este artículo es un primer acercamiento a las obras de Maja Smrekar, que evocan experiencias donde el estar juntos, la convivencia interespecies provoca multiplicidades, cambios y problematizaciones. El mito de la humanidad, basado en su unicidad, implosiona, revelando en las obras bajo el título K-9:Topology la experiencia de co-parentalidad y co-domesticación entre humanos y animales. Proponiendo repensar la instrumentalización social e ideológica del cuerpo de la mujer. El cuerpo de una mujer está influenciado por las normas sociales y la cosificación. Detrás de sus espectaculares y, para algunos, controvertidas apariciones, K-9_topology nos ofrece la oportunidad de reflexionar sobre cuestiones incómodas como la instrumentalización y cosificación de los cuerpos femeninos, la problemática posición de la especie humana en la cima y el centro del ecosistema, la Las ambigüedades de las prácticas y promesas biotecnológicas, la relación entre el arte y la vida multiespecie. Estas obras de arte señalan otras formas de vida, otras formas de parentesco, otras formas de producir conocimiento sobre el arte, la realidad, la naturaleza y el lugar del ser humano entre las especies terrestres.*

Palabras clave *Proceso de Creación, Performance, Arte y Naturaleza, Arte y Ciencia.*

ARTE E PROCESSOS DERIVANTES

Vivemos tempos turbulentos nessa primeira metade do século XXI, em todos os lugares, em todos os espaços de trocas simbólicas no mundo ordinário como nos espaços e sistemas da arte. Partindo da compreensão de que a arte contemporânea propõe releituras sobre o que é a arte, a arte produzida nesses dias valoriza tanto a peça quanto a percepção do artista no processo de criação, assim como, existe o entendimento de que o processo criativo é integrado à obra. Podemos anotar que a gênese da obra passa a implicar a passagem do tempo e do avanço criativo sobre organismos e ambientes. E este modo de apreender o processo de criação nos aproxima do pensamento de Donna Haraway e sua interface com Alfred North Whitehead, e sua doutrina cosmológica, estes autores pressupõem a importância do tempo e das mudanças no processo ou fluxo temporal, fazem surgir constantemente novas entidades. Esse modo de entender o processo criativo nos leva a perguntar: qual o lugar que se inscreve a obra?

Este texto vai analisar alguns trabalhos da artista eslovena Maja Smrekar, que apresenta num projeto artístico de longa data, intitulado K-9: Topology, relações entre arte-natureza-ciência-feminismos, nos remetendo ao texto de Donna Haraway, o Manifesto Ciborgue. Este texto surgiu de uma encomenda no início dos anos 80 do século vinte da Socialist Review à bióloga e filósofa Donna Haraway, professora de história da consciência da Universidade de Santa Cruz, na Califórnia, que escrevesse sobre as questões apontadas pelo movimento feminismo socialista na era Regan. O objetivo do texto seria responder a um crescente movimento tecnofóbico dentro do movimento feminista, alguns membros deste momento defendiam que a feminilidade era uma característica natural das mulheres, e partindo da mesma lógica, clamavam que os assuntos da natureza eram definidos como assunto das mulher.

Diante dessa demanda Haraway prepara uma análise onde ela traz à tona, o ciborgue, figura surgida da junção do natural e do artificial, sujeito e objeto, máquina e organismo, dinheiro e vidas, narrativa e realidades, natureza e cultura. Desde então Haraway tem repetido que prefere ser ciborgue do que deusa, este modo de pensar, ainda reflete, que não conseguimos deixar de olhar o mundo pelas lentes cartesianas, ou seja, um sujeito ativo que enfrenta um objeto inerte, uma realidade representável, separada de afetações, composta por alguns humanos tecnologicamente poderosos face a uma natureza doente que temos que resgatar.

Diante do mundo que se apresenta, perguntamos: Será que hoje em dia ainda vale resgatar o Manifesto Cyborgue? Neste Manifesto, de 1985, Haraway disse, “um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura da realidade social e também da ficção. Em 2016, no texto *Staying with the trouble : making kin in the Chthulucene*, Haraway disse:

Os ciborgues são parentes partidos depois da segunda guerra mundial, os ciborgues não são máquinas em nenhum sentido, nem tampouco híbridos de máquinas e organismos, eles não são livres em absoluto. (Haraway, 2016)

Então, o que passa aqui? Ou Haraway não se lembrava do que escreveu, e sabe que lemos outra coisa, ou na verdade, essa fala nos diz que estamos vivendo uma outra realidade, importante anotar como lemos o Manifesto, e como o Manifesto pode ajudar a nossa realidade. Muitos temas e debates que foram abordados por Haraway nesse Manifesto se confirmam nesses tempos que vivemos hoje, portanto, é um texto visionário onde aponta caminhos na sua materialidade.

a medicina moderna também está cheia de ciborgues, de junções entre organismos e máquinas, cada qual concebido como um dispositivo codificado, em uma intimidade e um poder que nunca antes existiu na história da sexualidade. (Haraway, 2021, p.36)

O ponto de vista ciborgue é uma perspectiva de adjetivação, quando Haraway fala a partir do ciborgue ciborgue, essa fala não fica delimitada à tecnologia, e sim, às relações sociais mediadas por esse processo tecnológicos. Haraway fala muito das relações de poder, C3I - (comando-controle-comunicação-inteligência) presente nas mídias e redes sociais. Deste ponto de vista, esse modo de ver apresenta perspectivas de fronteiras: fronteiras entre humano e animal, fronteira entre animal-humano (organismo) e a máquina fronteira entre o físico e o não físico. O texto do Manifesto Ciborgue aponta para a perspectiva de uma crítica ao sujeito do feminismo, quem seria esse sujeito? O senso comum nos diz que é a mulher, mas no debate feito em 1985, Haraway chama atenção à seguinte questão, quando buscamos referências sob uma perspectiva universal, estamos fazendo uma análise de uma identidade fraturada.

Tem-se tornando difícil nomear nosso feminismo por um único adjetivo - ou até mesmo insistir na utilização desse nome, sob qualquer circunstância. A consciência da exclusão por meio do ato de nomeação é aguda. As identidades parecem contraditórias, parciais e estratégicas. (...) o conceito de mulher se torna escorregadio, ele acaba se tornando uma desculpa para a matriz das dominações que as mulheres exercem sobre umas às outras. (Haraway 2021, 47.)

O que isso significa? Para eu ser nomeado nessa sociedade, eu preciso que alguém me nomeie, ou que meu corpo, ou minha identidade seja inteligível para as outras pessoas. Mas, ela afirma que essas identidades são contraditórias porque uma mulher não é somente uma mulher, tem marcadores individuais de distinção, pode ser uma mulher indígena, uma mulher negra da América do Sul, uma mulher nortista, uma mulher

do centro, do sul, uma mulher da amazônia, do cerrado, uma mulher cis, uma mulher trans, um ser não binário, uma mulher múltipla espécie.

Para Haraway, essas identidades fraturadas servem para controle e dominação, um sistema que subalterniza, coloca alguém numa posição superior, e a outra em uma posição subalterna. As relações de opressão foram seminais para que o capitalismo se estabelecesse: a opressão do branco contra o negro, a opressão do homem contra a mulher, do “humano” sobre a natureza, e muitas outras formas de subalternização, o fundamento da opressão é baseado na diferença entre sujeitos e grupos sociais, desigualdades de oportunidades e acessos a direitos, e na discriminação de que existe sujeitos que não são passíveis de vida plena, mais sim têm direito somente a uma vida precária.

Gostaria de dar ênfase à noção de corpo que perpassa os trabalhos de Donna Haraway a partir do seu conceito de ciborgue e suas implicações no campo dos estudos feministas e de gênero. Ao explorar a lógica do mito do ciborgue, Haraway propõe a superação das dicotomias do pensamento ocidental. A autora apresenta novas faces das tecnologias do corpo que estão sendo substituídas por arranjos completamente diferentes e que provocam profundos impactos, por exemplo, na cisão tradicional entre corpo e mente. O ciborgue, na qualidade de organismo híbrido entre máquina e humano, confunde as fronteiras do orgânico e inorgânico, situando o corpo como estrutura pós-gênero. Nessa relação corpo-máquina de Haraway, é indiscernível o papel do agente e do receptor: não está claro o que é mente e o que é corpo. A tecnocultura vem transformando corpos, na mesma medida em que estes modificam os artefatos da tecnologia.

Haraway não é uma pensadora que pensa sozinha, ela traz muitas referências nos seus escritos de outros autores, algumas dessas alusões estão no âmbito do gênero e sexualidade: Monique Wittig, Luci Irigarai, Julia Kristeva, citações também feitas por Judith Butler, esta só vai lançar em seus escritos essa problemática seis anos depois da publicação do Manifesto Ciborgue; tem ainda a presença forte de Michel Foucault, quando fala das relações de poder, de linguagem, dominação, sobre as instituições de controle. Neste texto, Haraway mostra ainda um compromisso com a construção de um conhecimento pautado em várias narrativas, utilizou não somente intelectuais estadunidenses e franceses, mas também procurou dialogar com intelectuais do feminismo negro como Audre Lorde, bell hooks, assim como intelectuais da América Latina, como a mexicana Gloria E. Anzaldúa, e também Edward Said, crítico literário e ativista político palestino.

Percebe-se nesse texto o esforço de Haraway de fazer uma análise que não fosse centralizada no pensamento hegemônico, por isso sua perspectiva é tão atual, necessária e rica. *Staying with the Trouble...* de Donna Haraway é uma continuação do Manifesto Ciborgue, onde Haraway identifica que o problema ainda se interpõe, e nos têm levado à situação que nos encontramos hoje.

“O livro e a ideia de “ficar com o problema” são especialmente impacientes com duas respostas que ouço com muita frequência aos horrores do Antropoceno e do Capitaloceno. A primeira é fácil de descrever e, penso eu, descartar, ou seja, uma fé cômica em tecnofixes, sejam seculares ou religiosos: a tecnologia de alguma forma virá em socorro de seus filhos travessos, mas muito inteligentes, ou o que dá no mesmo, Deus virá em socorro de seus filhos desobedientes, mas sempre esperançosos. Diante de tolices tocantes sobre tecnofixes (ou tecno-apocalipses), às vezes é difícil lembrar que continua sendo importante abraçar projetos técnicos situados e em seu pessoal. Eles não são o inimigo; eles podem fazer muitas coisas importantes para lidar com o problema e criar excêntricos (estranhos) generativos. (Haraway, 2016, P.3)

No livro *Staying with the problem...* Haraway apresenta o conceito do holobionte que é uma comunidade biótica, refere-se a uma planta ou um animal com toda a sua microbiota, é sobre falar de todos os microorganismos associados. Etimologicamente, holo - significa completo, total, são e salvo, porque o holobionte seriam «seres inteiros».

Certamente não é o mesmo que Uno e Individual. Em vez disso, em nós poliespaciais e politemporais, os holobiontes se mantêm unidos de forma contingente e dinâmica, envolvendo-se com outros holobiontes em padrões complexos. Os bichos não antecedem suas relações, eles se geram por meio de uma involução semiótico-material, a partir de seres de enredamentos anteriores..(Haraway, 2019, 98-99)

O holobionte aprofunda o trabalho do ciborgue, bicho bastardo que surgiu da implosão de sujeito e objeto, humano e máquina, tecnologia e organismo, natureza e cultura, e todas as categorias que dividiam o mundo em dois opostos irreduzíveis que convidavam à guerra. O eu coerente não consegue ler as linguagens da Inteligência Artificial (IA), limita-se a reproduzir categorias hierárquicas que transformam toda tecnologia em ferramenta de controle social. Aí talvez residam as possibilidades do holobionte como figura para a geração de mundos: as comunidades de organismos ativam questões mais interessantes, em seu sentido etimológico: inter-, entre, -esse, ser, o que há entre os seres, os espaços de união.

Inspirada no holobionte, a artista Maja Smrekar, uma artista de intermídia eslovena, realizou uma série de investigações e performances intituladas *K-9_topology*, nas quais ela experimenta a co-parentalidade e co-domesticação entre humanos e animais. Em *Mother(ness)*, um dos projetos desta série, a artista prepara seu corpo para amamentar um cachorrinho, que finalmente amamenta em uma performance chamada *Hybrid Family*. Devir-com, co-constituição, maternidade como nutrição e cuidado do outro, não como reprodução do idêntico. Smrekar desafia as fronteiras entre os humanos e os animais, entre a natureza e a cultura, entre a civilização e a barbárie, a partir da questão da maternidade num contexto de destruição

acelerada dos modos de viver e morrer. Como diz Donna Haraway: Faça parentes, não bebês!

Embora minha prática artística seja quase sempre guiada pela intuição, parto da premissa de que somos colonizados por bactérias e vírus. Da mesma forma que os humanos colonizam lares, cidades e ambientes, também abrigamos ideologias, tecnologias e a mídia. (Smrekar, Maja, 2021)

A artista Smrekar passou os últimos anos investigando a coevolução humana/cachorro/lobo, a coabitação, bem como a possibilidade de criar um híbrido das espécies humana e canina. O seu trabalho *K-9_topology* coloca esta co-evolução no centro de uma reflexão mais ampla em torno da humanidade, a sua presunção de ter um direito inato de governar outras entidades vivas e as consequências que este egocentrismo para o futuro do nosso planeta (ou pelo menos de nossa existência nele). Este modo de ver o que é humano e humanidade proposto pela artista já vem sendo vivido por outras sociedades, como os povos indígenas. A antropóloga Tania Lima afirmou no texto, *O que é Corpo?* Que discute a relação dos indígenas Juruna com o seu corpo e a natureza. Este modo de existência modifica a perspectiva daquilo que é natureza, e coloca o humano dentro dela e não apartado da natureza.

Ser uma pessoa não é, com efeito, uma condição distintiva da humanidade. Embora não pretenda trazer com isso alguma novidade etnográfica, este é um primeiro ponto que devo ressaltar. O segundo — este sim, menos conhecido — é que o que um corpo é, depende intrinsecamente, fundamentalmente, de uma perspectiva. (LIMA, 1977, 13)

O Projeto *K-9_Topology* evoluiu ao longo de vários anos e articula-se em torno de quatro obras de arte. O primeiro, *Ecce Canis*, envolveu isolar a serotonina do sangue da artista e de seu companheiro canino Byron para transformá-la em um odor que permeou uma instalação de galeria. A fragrância simbolizava a base olfativa de seu relacionamento e, por extensão, a longa história de tolerância mútua e domesticação de ambas as espécies.

Ecce Canis é formalmente apresentado como uma instalação. Ele está exibindo uma máquina de separação por cromatografia líquida de alto desempenho, usada em química analítica para separar, identificar e quantificar componentes em uma mistura específica. É operado por bombas, que passam um solvente líquido pressurizado contendo a mistura da amostra através de uma coluna. Nessa instalação, existem duas colunas, preenchidas com meio de separação de gel estacionário e frações de plasma rico em plaquetas. Eles contêm alguma serotonina e foram isolados de amostras de sangue da artista e do companheiro o cão, um Border Collie escocês, chamado Byron. Após coletar frações de serotonina, transformando-as no odor de *Ecce Canis*.

Figura 1: Maja Smrekar.
Instalação Ecce Canis.
Fonte: <https://www.majasmrekar.org/ekce-canis>



O ambiente da instalação é revestido com pele de lobo reciclada, onde os visitantes podem entrar e sentir o cheiro liberado pelo respirador equipado com sensor. Assim, os visitantes sentem o cheiro de uma combinação de serotonina, combinado da artista e do seu cão, Byron. E experimentam uma iniciação na essência do relacionamento entre um humano e um canino.

O foco na serotonina baseia-se na pesquisa sobre a evolução paralela entre lobos, humanos e cães. Vários genes em cães e humanos têm evoluído paralelamente como adaptação a ambientes semelhantes. É importante ressaltar que os cães modernos desenvolveram a capacidade de digerir carboidratos e amido de uma forma não compartilhada pelos lobos. Os cães domésticos possuem múltiplas cópias do gene da enzima amilase, que os ajuda a digerir amido e carboidratos. Os primeiros humanos também desenvolveram esta capacidade à medida que se tornaram mais dependentes das culturas de cereais para alimentação, especialmente durante a revolução agrícola. Isto é considerado um passo crucial na evolução inicial e na domesticação dos cães.

Desde aquela época, os humanos desenvolveram uma falta de percepção do olfato; isso diminuiu com o desenvolvimento da cultura que selecionou habilidades comportamentais na comunicação verbal, sonora e visual. Ao mesmo tempo, o olfato permaneceu central na percepção do mundo do cão. Existe também um gene que conseqüentemente sofreu mutação em humanos, e é aquele que codifica o transportador de serotonina, denominado SLC6A4. Os polimorfismos neste gene são um dos principais mecanismos moleculares para que os humanos possam tolerar melhor a presença de outros humanos, ou seja, da vida em grupo. A mutação é, portanto, um dos parâmetros que contribuíram para o início da cultura humana. Desde que a divisão entre lobos e cães ocorreu há mais de 30 mil anos, parece que humanos e cães têm domesticado uns aos outros há milhares de anos.

Figura 2: Maja Smrekar, I Hunt Nature and Culture Hunts Me (extrato de vídeo da performance) em Rencontres Bandits-Mages, 2014



O segundo projeto da série, *I Hunt Nature, and Culture Hunts Me*, aconteceu no JACANA Wildlife Studios, na França, onde trabalhou com etólogos animais para estabelecer uma relação de confiança com lobos e cães-lobo. Após uma residência em colaboração com o Jacana Wildlife Studios trabalhando com lobos e híbridos de cães-lobo (Cão-lobo Checoslovaco) foi executada uma performance, articulada no contexto das teorias de comunicação interespécies de Donna Harraway e Giorgio Agamben com base na fenomenologia da economia emocional explorada pelo autora que justapôs seu trabalho a Joseph Beuys e Oleg Kulik.

“Compomos uma família híbrida, um cartel subversivo. Você e eu somos caçados por aqueles que não têm a capacidade de transferência para a intimidade do companheirismo, além do discurso antropológico da máquina de divisão de espécies. Nosso relacionamento é um parentesco. Eu sou sua irmã mais nova. Quando me dizem para desenhar minha família no jardim de infância, desenho você como meu amado irmão. Eu não apago você mesmo tendo 5 anos e meu primeiro doloroso encontro cultural em relação à desaprovação do conceito de espécie companheira começa a funcionar, quando um professor me diz severamente que um cachorro não é e nunca poderá fazer parte da família humana!” (Smrekar, 2014)

Hybrid Family é o terceiro capítulo da série, nesta performance de longa duração, Smrekar manipulou biologicamente seu corpo para que ela pudesse usar seu próprio leite materno para alimentar um filhote de Spitz islandês. O processo ocorreu em um retiro na companhia do cão companheiro de Smrekar, Byron. Os três formaram assim literalmente uma família híbrida em que a exploração da maternidade transespécie rompeu com os limites das famílias humanas, “sem humanizar o animal ou animalizar o humano”, segundo a artista.

Figura 3: Maja Smrekar, Hybrid Family

Fonte: <https://www.majasmrekar.org/k-9topology-hybrid-family>, 2016



O projeto Hybrid Family relacionou-se com a teoria do devir-animal ao repensar a instrumentalização social e ideológica do corpo da mulher e da amamentação. O corpo da mulher que amamenta é marcado por um dilema de papéis e influenciado por normas sociais e pela objetificação.

Superando a distinção clássica entre vida privada e existência política, senti que precisava de atuar com o meu próprio corpo e com os corpos dos meus cães para reconquistar a nossa posição de poder, encenando uma atuação pública com a cachorrinha Ada. Minha própria economia de emoções tornou-se um processo molecular: durante um período de três meses de reclusão com meus cães, estimei minhas glândulas pituitárias com extração sistemática de leite para liberar o hormônio prolactina e segui uma dieta rica em galactogogos para promover a lactação. Um efeito colateral foi o aumento dos níveis do hormônio oxitocina, o que levou a um aumento da empatia e à minha resistência pessoal ao cinismo do zeitgeist. Ao estar grávida de um significado e, assim, tornar-me (m)Outro, fui ainda mais atraída a explorar a minha “liberdade reprodutiva decolonial num mundo multiespécies perigosamente conturbado” (Smrekar, 2016)

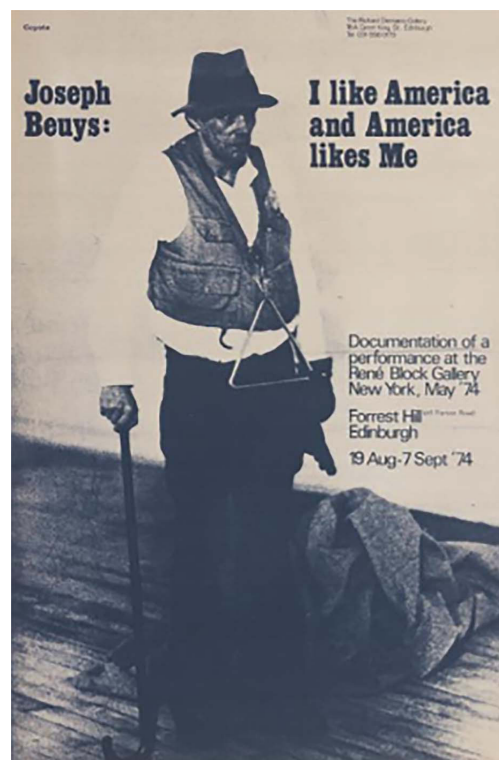
O que é implodido no projeto K-9: Topology é o mito da humanidade, baseado na sua singularidade, que sempre excluiu aqueles que não correspondem a esse ideal, por exemplo as pessoas racializadas, os indígenas, a natureza e os animais, as mulheres no que diz respeito à parentalidade e ao gênero, desenvolvido por Haraway no livro *Staying with the Trouble...* O que é evocado nos projetos de Smrekar são experiências onde o estar jun-

to, o viver junto inter-espécie provoca multiplicidades.”Num devir-animal, estamos sempre lidando com uma matilha, um bando, uma população, um povoamento, em suma, com um multiplicidade” (D&G, Mil Platôs 4, p. 20)

Por trás de suas aparências espetaculares e, para alguns, controversas, K-9_topology nos oferece a oportunidade de refletir sobre questões incômodas como a instrumentalização e coisificação dos corpos femininos, a posição problemática da espécie humana no topo e no centro do ecossistema, as ambiguidades de práticas e promessas biotecnológicas, a perspectiva de um mundo pós-humano, as relações entre arte e vida multiespécies. Trabalhos como de Smrekar apontam para outros modos de vida, outros modos de parentesco, outras formas de produção de conhecimento sobre a realidade, a natureza, e o lugar do humano entre as espécies terrestres. Dentre os conceitos operacionais que desenrolam o projeto K- 9: Topology está os trabalhos de Joseph Beuys, em seus trabalhos saber fundir a produção artística e o marketing pessoal, criando uma persona movida por necessidades de agir em direção à urgentes transformações sociais e ambientais.

A performance “I like America and America likes me”, de 1974, revela a origem de uma fabulação de Beuys sobre sua participação como combatente na Segunda Guerra Mundial. Dois anos depois, em 16 de março de 1944, o avião de Beuys caiu na Frente da Crimeia, perto de Znamianka, então em Freiberg Krasnohvardiiske Raion. Com base neste acidente, Beuys criou o mito de que ele foi resgatado do acidente por tribos nômades tártaras, que envolveram seu corpo quebrado em gordura animal e o sentiram e cuidaram dele até recuperá-lo. Segundo Livia Benedetti, nunca houve evidências suficientes que comprovem o fato propagado por Beuys.

Figura 4: na performance
“I like America and America
likes me”, de 1974.
Fonte: Tate Gallery



Segundo o crítico de arte Antonio d’Avossa, durante a Segunda Guerra Mundial, o avião de Beuys foi alvejado, caindo na região da Criméia; por sorte, foi achado e acolhido pelos Tártaros, que cuidaram dele por cerca de oito dias, envolvendo-o em gordura e feltro. Aqui estaria localizado o mito de origem do artista, até mesmo na criação de seu léxico de materiais. (Benedetti, 2010)

As ideias e ideais refletidos nos trabalhos e na construção do mito do artista Beuys, que nasce na guerra, refletem uma fabulação e intervenção no sistema da linguagem, das mídias e das artes. Tomando a obra de Beuys como referencia conceitual, Maja Smrekar constrói uma arquitetura de criação a partir dessa referência, explodida para um outro modo de entender a espécie humana, e as relações e complementaridades inter-espécies. Nas suas escolhas artísticas refletem também os pensamentos e teorias de Donna Haraway.

O Manifesto das espécies companheiras é um documento pessoal, uma incursão acadêmica em excessivos territórios semi conhecidos, um ato político de esperança num mundo à beira de uma guerra mundial, e, por princípio, um trabalho permanentemente em desenvolvimento. Ofereço aqui equipamentos mordidos e argumentos mal treinados para dar nova forma a algumas histórias com as quais me importo bastante, como pesquisadora e como pessoa no meu aqui e agora. Esta história é principalmente sobre cachorros. (Haraway, 2021, p.11)

Na abertura do livro Haraway apresenta-se como “Canídeo, homínido; animal de estimação, professora; cadela, mulher; atleta, condutora. “3, inspirada na ecóloga e bióloga Lynn Margulis, que referencia muitas de suas pesquisas, apresenta reflexões e manifestos sobre uma vida possível de ser vivida para todas as espécies, mesmo diante de todas as diferenças que nos tensionam e nos identificam como indivíduos. Acredita que essas diferenças não deveriam separar ou desconectar uma necessária convivência simbiótica entre humanos e não humanos em sociedade.

O Projeto K-9: Topology nos fala sobre os limites da arte, e sobre o que é arte quando incorpora outros modos de ver, ser e sentir a vida e a arte nessa segunda década do século vinte e um. Vivemos todos nesse mundo e por isso, fazemos parte dele; vivemos como os outros seres vivos, e portanto, compartilhamos com eles o processo vital. Construimos o mundo que vivemos durante as nossas vidas. Por sua vez, ele também nos constrói ao longo dessa viagem comum. Assim, se vivemos e nos comportamos de um modo que torna insatisfatória a nossa qualidade de vida, a responsabilidade cabe a nós. Maturana e Varela falam que o mundo não é anterior à nossa experiência. Nossa trajetória de vida nos faz construir o nosso conhecimento do mundo – mas este também constrói o seu próprio conhecimento a nosso respeito. Mesmo que de imediato não o percebamos, somos influenciados e modificados pelo que vemos e sentimos.

Quando damos um passeio pela praia, por exemplo, ao fim do trajeto estaremos diferentes do que estávamos antes. Por sua vez, a praia também nos percebe, como pegadas, como lixo...

Para mentes condicionadas como as nossas não é nada fácil aceitar esse ponto de vista, porque ele nos obriga a sair do conforto e da passividade de receber informações vindas do mundo já prontas e acabadas – tal como um produto recém saído de uma linha de montagem industrial e oferecido ao consumo. Pelo contrário, a ideia de que o mundo é construído por nós, num processo incessante e interativo, é um convite à participação ativa nessa construção ou desconstrução. A cosmovisão das sociedades indígenas nos aponta para a compreensão do que é humano incorpora outros entes e espécies, porque como diz Viveiro de Castro não existe um lado e outro lado, um dentro e fora de Gaia. São relações de parentesco e de pertencimento de um cosmos, de um mundo construído em relação ao outro. Eu sou pescador e sou o peixe, porque como na fita de Moebius, somos todos os mesmo lado.

Meu propósito é fazer com que “parente” signifique algo diferente, mais do que entidades ligadas por ancestralidade ou genealogia. O movimento suave de desfamiliarização pode parecer, por um momento, um erro, mas depois (com sorte) aparecerá sempre como correto. Fazer parentes é fazer pessoas, não necessariamente como indivíduos ou como seres humanos. (HARAWAY, 2016 (1), p.141)

Esse modo de estar com Gaia, com a natureza e com a floresta vem sendo discutido por Donna Haraway, no texto “Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes”, a autora reflete sobre a necessidade de mudarmos a chave e iniciarmos um movimento de comunhão com outros entes e espécies para garantir a nossa presença na Terra a partir dos efeitos do Antropoceno. “eu proponho “Faça Parentes, Não Bebês!”. Fazer parentes é, talvez, a parte mais difícil e mais urgente do problema.

A artista Maja Smrekar parece tentar responder com o projeto K-9: Topology aos questionamentos de Haraway, promovendo obras que borram as fronteiras dos sistemas sociais e do sistema da arte. Obras que nos atingem a partir da perspectiva de um outro, obrigando-nos a repensar o que é a vida, e a partir de onde estamos, e porque aquilo nos afeta. Esse modo de entender o processo e a criação provoca várias questões, como: quais as problematizações que movem a performer para a aplicação das teorias de Haraway? Smrekar busca o pensamento complexo, move-se na relação entre teoria e prática, entre arte e ciência. Qual a questão epistemológica que se coloca a partir do seu criador sobre o ato de criar? Quais as condições sob as quais se pode produzir o conhecimento científico do ponto de vista do ato de criação? Quais seriam os modos para alcançá-lo? Qual a essência dessa questão posta? Quais as propriedades mais gerais do ser do ato de criar? O artista, seja qual for o seu meio de expressão, apresenta ao público o resultado de uma caminhada individual, própria e que não pode ser repetida.

Referências

Benedetti, 2010. **Beuys e a escultura social**. acessado em: http://www.forumpermanente.org/event_pres/encontros/encontro-com-antonio-d-avossa/relatos/beuys-e-a-escultura-social

BEUYS, Joseph. Site do autor. **I Like America And America Likes Me**. Acessado em: <https://www.tate.org.uk/art/artworks/beuys-joseph-beuys-i-like-america-and-america-likes-me-documentation-of-a-performance-at-ar00728>

Haraway, Donna, 1944– **O manifesto das espécies companheiras : cachorros, pessoas e alteridade significativa** / Donna Haraway ; tradução Pê Moreira ; revisão técnica e posfácio Fernando Silva e Silva. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Bazar do Tempo, 2021.

Haraway, 2019, **Quando as espécies se encontram**: Editora UBU, São Paulo

Haraway, Donna Jeanne, 2016 (1). Title: **Staying with the trouble : making kin in the Chthulucene** / Donna J. Haraway. Description: Durham : Duke University Press,. |

Haraway, Donna. 2016 (2) Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. *ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte* I Ano 3 - N. 5 / Abril de 2016 / ISSN 2359-4705

LIMA, 1977. **O que é Corpo, Religião & Sociedade**.- Vol. 1 (1977). - Rio de Janeiro : SER, 1977. Apoio v. Semestral ISSN 0100-8587

Smrekar, Maja, 2021. **Site da autora**. Acessado em: <https://www.majasmrekar.org/>

Recebido: 01 de agosto de 2023

Aprovado: 16 de agosto de 2023